PARRAL

Semanário humorístico e literário

Propriedade da Emprêsa do PARDAL

Director e editor: Luís Teixeira Jacinto — Administrador: António Dantas

Redacção: Campo da Misericórdia, 18 Administração: Rua de Paio Galvão, 70



Composto e impresso nas oficinas da Tipografia Minerva Vimaranense

Guimarães, 4 de dunho de 1916

UMA CARTA

Senhora:

Eu não estou disposto a aturar-lhe por mais tempo os maçudos sermões das suas cartas que me chegam a irritar os nervos, obrigando-os por vezes a tomar proporções assustadoras, sendo quási sempre obrigado, quando tal acontece, a abrandar a sua ferocidade e tensão dando consecutivos murros na minha frágil carteira de pinho, que infelizmente não tem culpa nenhuma, vendo ir pelo ar, num turbilhão desordenado, tinteiro, penas, cigarros e cinzeiro.

Irra! A senhora destempera irremediávelmente os meus ner-

Poupe-me, por quem é, pelas alminhas todas do purgatório, por todos os santos e santas à maçada de tam estopantes cartas.

Decididamente não a posso aturar.

A senhora é terrível, nervosa, estérica, chega mesmo a ser inconveniente. Ou a senhora suspende por algum tempo a correspondência, ou então vejo-me na necessidade de usar de meios violentos, pois por êste caminho,

mais tarde ou mais cêdo eu venho a cair na demência ou no suicidio.

Apre! A senhora quer-me che-

Se estivesse mais perto, se a distância não nos separasse, era mulherzinha para me ir aos fungões lá de vez em vez, quando lhe dessem esses ataques, ou abrandar essas iras diabólicas e desordenadas, puxando-me com fôrça os lóbulos rechonchudos das minhas pequeninas orelhas.

Irra! A senhora já o chegou a dizer numa carta. Já é atrevimen-

Creia, não foi porque tivesse muito medo, a minha carteira de pinho que diga se eu sou peco, que andei ali uns dias com certo receio, muito apreensivo e nervoso.

Comia pouco, bebia muita água, e frequentava assiduamente o cabinet

Ah! se soubesse o martírio que passei!...

Eram dores de cólicas sucessivas. Cólicas e mais cólicas.

Andei atrapalhado. E tudo por culpa da senhora.

Lá porque o raio da sua criada,

êsse mafarrico diabólico e cioso, lhe foi encher o bichinho do ouvido com coisinhas por ela inventadas naquêle dia em que lhe neguei o beijo que lhe prometi, a paga reles e mesquinha de cem mil e quinhentos que recebi, a senhora da impaciência foi ao desespero e rápidamente subiu ao pedestal do insulto, agitando com fôrça as campainhas da ira que me seringam continuamente os ouvidos, e me irritam os nervos.

E' de mais!

A senhora diz que sabe tudo, que sabe de fonte autorizada que lhe sou infiel, mais assim e assado, mais seca e meca, e afinal a senhora não sabe nada.

E' tudo mentira.

A verdade é esta: Quando a senhora principiou a mandar as cartas pela criada, todas as vezes que ela m'as entregava dizia: «Aqui tem uma cartinha da menina Gertrudinhas a mais êste raminho de flores, e trago tamem, e olhava aos lados a vêr se alguêm pescava o negócio, dous beijos, mas eu tenho bregonha... o senhor sabe que... sim eu...

Qual vergonha nem qual quê.

Qual vergonha nem qual quê. Dê para ai os beijos que ela mandou, dizia-lhe eu muito fiado, chegando-lhe a face.

A portadora era de confiança e era cá muito do meu agrado, e

tudo que do men amor viesse, sem pejo en recebia.

Ora ai está a grande coisa!

Eu sempre julguei que os beijos fôssem da senhora, quando não teris-os regeitado. E' certo que êles tirham assim dúplo sabor.

Mas se não fossem seus... acre-

dite, não consentia...

Um dia, quando a confiança chegou ao máximo, ela perguntou-noe:

-Não quer mandar tamem à senhora beljinhos em troca?

-Não. Quando cu lá fôr pessoalmente lhos retribuirei.

-E' que s'o senhor quizesse,

ец...

Obrigado. E muito naturalmente, eu prometi à linda cachopa um beijo. Disse-lhe: Um dia,
hei de dar te um beijo muito grande; é só para ti; será a paga de
todos os que me tens trazido.
Agradeceu envergonhada, e de todas as vezes que me trazia a carta e os beijos (nunca deixou de
trazer beijos) me pedia o prometido.

Um dia, aborrecido já de tantos beijos receber, quando não lhe sentia já aquele primitivo paladar, disse-lhe exasperado:

Olhe: diga la a menina que não esteja com o incómodo de me mandar mais beijos. Era uma maçada, pois de cada vez a remessa aumentava mais, tendo eu de estar numa posição incómoda, de face tombada, ao sabor da sua bôca insaciável, mais de meiahora.

Quando ela quizer mandar beijos que os venha cá trazer, porque aproveitarei mesmo essa oca-

sião de lhos retribuir.

Não gostou da resposta a criadita. Depois de pensar um segundo, cabisbaixa, entretida a amachucar com os seus finos dedos de fada, a ponta do seu avental de chita, pediu-me, com um sorriso leve nos lábios trémulos, muito baixinho, se lhe dava aton o que lhe tinha prometido.

Um pouco nervoso nessa ocasião, pois tinha acabado de ler a sua carta (acontecia-me sempre isto), desesperado, impaciente, aborrecido (veja la as complicacões que as suas cartas me produziam) neguei-lho, do que verdadeiramente estou arrependido hoje.

Desculpe a franqueza e a liberdade com que lhe falo, mas a verdade é esta.

Nunca mais recebi beijos nem

Nunca mais aqueles lábios da sua criadita me sorriram.

Nunca mais me felou-

Entregava as cartas e fugia envergonhada.

Foi só nessa ocasião que desconfiei do negócio.

Mau; vão surgir complicações, disse cá para os meus botões.

E assim foi.

Depois, despeitada, incomodada estas coisas incomodam, sentindo no coração o espicaçar agu-

TARDE PIASTE!..

do do ciume, e na alma o desgosto máximo dum atrevido indiferentismo, pensou a linda rapatiga na atroz vinganca.

As mulheres são assim.

E vai óspois, querida senhora, ai principiou ela a estender-lhe o sudário da minha vida, deixando cair no seu regaço, onde algumas vezes repousei a minha cabeça estonteada, um rosário enorme de forjadas mentiras.

Disse-lite, pelo que depreendo das suas cartas—sermões, duma a um cento. Disse-lhe coisas tais capazes de fazer corar um preto.

O que ela lhe disse santo Dens!!

E cegamente, totalmente perdida, sentindo nos timpanos o zumbido surdo que aquele enxame de intrigas e mentiras lhe produziu, não podendo sofreat as iras do coração que no seu peito dava pancadas mais fortes do que o motor dum automóvel 60-H P de escape aberto, a senhora açabou por acreditar em tudo.

E como não teve coragem para

quebrar sem mais aquelas os lacos que nos ligam e prendem, a senhora preferiu martirizar-me com as suas cartas-sermões, mixtas de afagos e exprobações.

Toda a mulher deve ser captichosa e resolvida.

Se acreditou em tudo, se, como diz, eu sou um homem que não mereço o amor franco duma melher fiel e séria, a senhora devia dar um morro de atleta na tensa cadeia que nos une, e mandar ao diabo o amor que a traju e o homem que a enganou.

A senhora preferiu acobardarse, porque ainda tem esperanças de que eu venha a ser um dia... o bode expiatório do seu nervoso estérico.

Eu compreendo. A senhora gastou a sua novidade, aquele período risonho da primavera da vida, em que tudo são flores de sonhos e borboletas de ilusões, a procurar o eleito do seu coração, que a senhora via na imaginação cavalgando corcel destemido em direcção do jardim fantástico da felicidade perene, e nessa ilusão a senhora viveu muito tempo, sem que podesse conseguir o seu ideal.

O tempo foi passando.

A senhora cresceu mais, e com a idade veiu também o desejo de namorar, e como o seu cavaleiro das novelas não chegava, a senhora aditou se do primeiro D. Quixote que lhe apareceu, por sinal mais grotesco e mais estúpido do que aquele que tinha a mania dos assaltos.

Julgou-se por momentos de posse do tal cavaleiro sonhado e nessa grata ilusão a senhora viveu, até que um dia êsse D. Quixote mudon de rumo.

A senhora cresceu mais. Aumentou a idade, Vieram os ataques. Era forçoso casar. Eta o remédio que os médicos recomendavam.

Apareceu depois um Romeu tarado. Depois um brazileiro bartigudo das bandas di lá.

Sucederam-se ininterruptamente. A idade foi aumentando. As

ilusões foram caindo. O tédio 10 Pardal para Mademoiselles

Já não podia ser. Já não estava em idade de namorar.

Eram precisos ja os disfarces, os postiços, os enganos.

Só se fosse um casamento fala-

Depois veiu essa meia dúzia de cabelos brancos, êsse prenúncio terrivel que apoquenta as mu-

A senhora desgotou-se da vida, aborreceu-se dos homens, e tetirou-se ao silêncio concentrado do recolhimento. Assim viveu muito ano, sem querer pousar a vista nos homens ingratos.

Um dia porêm, por uma manha de nevoeiro, apareceu-lhe este mortal, que na ância de abafat um desgosto que uma linda rapariga ocasionou, lhe dedicou todo o fogo do coração.

Foi para espalhar minha senhora. Já vê que sei tudo. E por tudo isso saber, é que eu compreendo o seu procedimento.

A senhora não foi logo terminante, porque receou perder mais

Assim, tem esperanças...

A senhora pensa:-se tu me foges, outro não torna a cair.

Ora tome tento, e suspenda la a correspondência até nova ordem.

Desculpe a revelação da história da sua vida. Foi a sua criadita que m'a contou. E disse muito mais; eu é que não quero bolir

Agora entenda-se lá com ela e pague-lhe bem a linda trama que tam habilmente urdiu.

Ai as mulheres! minha senhora.



Anunciam-se grátis todas as publicações literárias, mediante a permuta dum exemplar.

Duma ilusão para as sombras Eu fui, sem sentir sequer... Deste-me a ilusão nas sombras, ¡Da-me, pois, Vida, mulher!...

A. A. MESQUITA.

Devemos ter esperança mas não demorado no futuro, porque muitas vezes, quando esperamos risos e alegrias, êle nos reserva lágrimas e dores.

Quando penso na amisade que nos une, julgo-me feliz por vêr que possuo uma coisa rara neste mundo um amor verdadeiro.

Assim como surge o sol para fecundar o mundo, brota nos corações o amor para fortalecer o espírito.

Por mais longa que seja a ausência nunca a verdadeira amizade diminue.

Assim como Deus, querendo enfeitar o céu o bordou de estrelas, assim meu pensamento, querendo enfeitar meu coração bordou nele o teu lindo nome.

Quando a amizade é sincera nunca a devemos esquecer.

Só a flor que não murcha é a flor da amizade.

A calúnia é como o coração: quando não mascarra, suja.

Amar é sofrer, e eu sofro porque amo.

Gemidos da nossa lira

Trovas oferecidas ao nosso peetico povo

(Cancioneiro para violas e instrumentos de corda e palhona: para instrumentos Lambom de peles e ferrinhes: padelia tem de cantar. sentimentalmente, senho... là se yai a fes-ta... Clave de sol: tom menor...)

XXXVII

La detrás daquela serra, Nasce o sol, mareia o vento; E' muito tolo quem coida, Que comigo passa o tempo.

XXXVIH

O alta serra da neve, Virada para a vineza; Não ha mulher com ventura, Nem homem que leul seja:

XXXIX

Quem quizer que a água corra Dê-lhe um golpe na levada; Quem quizer o amor firme, Cale-se e não diga nada.

XI and XI and All and

Os homens é fraco barro, Barro de pouca valia. Capazes de jurar falso Por um copo dágua fria.

A. Pires.

Tarde piaste!...

O Pardal em ceara alheia

Graça doutros

(Imitações do espanhol)

IV

Casaram, sem impecilhos, A Inês com Gil da Cruz, E estão sempre dando à luz, Ele peças, ela filhos... Gil colaborando está Com mais dois autor's ou três. Uma pergunta:-¿A Inês Com quem colaborará?...

Pôrto.

EDURISA.



A' nossa porta

-Truz, truz. -Quem é?

-Faz o favor de chegar aqui? -Lá vou, lá vou. (Abrindo a porta): então por cá?

—E' verdade.

-E então?

-Simplesmente pedir a V. a publicação do conteudo desta carta.

-Pois não! sempre às ordens. (Depois de lêr a carta): E' o senhor o autor desta joia literária?

-Sou, sim.

-E' o senhor John Pink?

-Yess! yess!

-Cumprimento-o pelos seus

dotes intelectuais.

-Obrigado. Sou um apaixonado pelas letras! Oh! a poesia!! Haverá coisa mais superior, na literatura, à poesia? Por certo que não! Tanta mímical tanta cadência! tanta harmonia! Um soneto! dizem-me todos que é a composição mais dificil para os poetas. Pois erram. Enganam-se. Iludem-se. Escrevo um soneto com todas as regras e etiquetas.

-Um soneto, meu caro John Pink, abre com chave de prata e fecha com chave de ouro. O seu

soneto...

-Bem sei, não diga o resto. Está superior a essas chaves. O meu soneto abre com gazua de ouro cravejada a brilhantes e fecha com gazua do mesmo metal revestida de topazios!

-Vejo que tem estudado.

-Tenho lido, é certo. Mas nem porisso que tenho apreciado os nossos escritores.

-Sim?

-E' verdade. Olhe: o Garret é um chato, um aborrecido, um massador! (Soltando uma gargalhada): Imagine que os seus versos, por desgraça nacional, nem rimam! Sim, nem rimam! Ah! Ah! Ah! Parecem linhas de prosa sem sabor: uma porcaria. E quer saber uma coisa: não posso admitir que o nosso povo, na sua maior parte estupido, fôsse elevar um homem daquêle tacanho miolo às culminâncias do saber e da inspiração! Olhe que isto! Quando penso nestas coisas, arrelio, dou casca, zango-me, incomodo-me, enfim: adoeço.

-E o João de Deus, que tal? -João de Deus, sim, êsse parece-me um tanto melhor. Ah! êsse, pelo menos, sempre rima. Sim, sempre já é outra coisa. Esse rima. Lá no rimar está bem.

-Bom: vejo que o senhor é profundo nas escrituras. Continue, continue e verá mais tarde o produto do seu esforço... Estimei muito vê-lo e mande sem-

-Obrigado. Tenho ainda por lá mais umas coisas geitosas e mandá-las hei, qualquer dia.

-Sempre às ordens, sempre

às ordens.

Ora o Pardal como prometeu ao homenzinho publicar toda a carta, ei-la, leitores:

«Snr. Redator

Bem sei que sou um insensato em lhe mandar essa versalhada para o snr. me fazer o obsequio de a publicar, mas o senhor bem entende, que o primeiro, é sempre o mais mal architetado, e por

isso, eu peço ao Ex. mo Snr. Redator a fineza de dar á luz da publicidade no proximo numero, o-Soneto-que junto remeto oferecido á Ex.ma Snr.a X...

Eu continuarei a ser um sujo colaborador de «O Pardal», mas precisava, que o o primeiro trabalho me fosse aceite pela Ex. ms Direcção.

Soneto

A Ex. ma Senhora X...

Quando meus olhos deixar de ver es leus, Com que saudades fico, minha verde esperança Vas minh alma elevar-se em orações a Deus, Para que te dé, um largo mar de bonança.

Com que tristeza fico, em não te ir dizer adeus A'quele monetro marinho que de andar não cança E de não juntar teus prantos aos meus... Era tal a vontade dasta pobre creança.

Eu digo criança porque afinal Por dois anos meus olhos ficam chorando, Ató voltares para Portugal.

Raqueces-te de mim eu bem sei. E se um dia voltares co. Emquanto me olhas, estarás pensando Naqueles que deixas-te ficar lá.

Esperando que me seja publicado sou de V. S.ª

Att.º V.or Odo.

Guimarães, na rua da Republica, 9 de Maio de 1916.

JONES PINK.

-Não fazemos comentários. O autor pela entrevista acima publicada vê-se que tem fortes argumentos para nos responder. Como receiamos ficar, às vezes, mal-ficámo-nos por aqui.

Os leitores que apreciem, que critiquem e que mandem o homenzinho tocar flauta ou tratar de bombas-que é oficio leve!

O' Guimaráes, teu progresso...

ZOILO.

TARDE PLASTE

пининализиваний в принци

1 Pardal no dicionário

Cangalhas - Utensílios que muita gente usa quando os holofotes ja veem pouco.

Cantigas (são) - O que muito figurão grita por aí, apregoando patriotismo.

Cão-Lente de lealdade.

Capa - Boa companheira do homem: Morreu às mãos do casaco, e não o merecia pelo ditado antigo de que-Quem tem capa sempre escapa.

Capacidade -- Circunstância quási nula.

Capelão-Uma coisa que agora é só para inglês ver.

Caracter-Coisa tam singular que poucos homens o teem.

Carapuça-Se cada um aproveitasse as que lhe servem, todos teriamos uma boa porção e provisão para as noites de frio.

Carcereiro-Homem que prometeu à sociedade renunciar toda a compaixão.

Cardume - Multidão de sardinhas na costa, ou de pretendentes a empregos públicos.

Carestia-Substantivo que hoje se aplica mais que nunca ao dinheiro.

Cargo (cargos)-Albardão

que todos gritam de o deitar às

Caricias-Sape gato!!! Carneirada - Moléstia epidémica, que se comunica por terceiras pessoas.

Carranca-Cara de desconfiado, cujo retrato se põe nos chafarizes.

Carruagem-Comodidade de poucos, invejada por muitos.

DR. XABREGAS.

Tarde piaste!

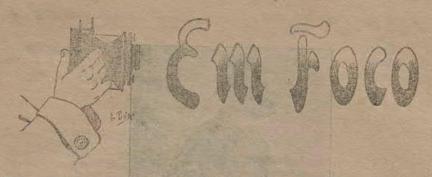


Agora p'ra se não rir, Dos ja caricaturados, Tocou a vez, Ao senhor dos penteados.

Todo chic, todo bem posto, «sem mais esta e mais aquela» Faz aqui um figurão, C'o fato de saramela.

Rogamos-lhe por favor, Se não julgue melindrado. E p'ro nosso bom amigo Um xizinho mui apertado.

Gigmou.



Bondosa, modesta, e alegria ao parl Nuns olhos tam lindos Que gosos infindos! Meiga e formosa! Perfil d'encantar.

Nos olhos doçura!

Maria Amélia, bela sem igual,

Rainha é, sim! de graça divinal!

—Amor e ternura—

Formosa e trigueira—O porte gentil

Bonito perfil!

Henriques.

Mais uma Estatua de esbelta formosura colocamos hoje no pedestal desta secção.

E' Maria o seu lindo nome! Algum mistério parece envolver em túnicas de dôr, aquela alma ainda no desabrochar das suas dezasseis primaveras.

Raras vezes veem brincar em seus lábios pequeninos, meigos sorrisos, tam próprios daquela idade.

O seu olhar tam puro e sacrosanto não evola doces requebros de alegria, mas sim expressivos reflexos de sentimento.

Sempre aquelle ar de tristeza a inundar-lhe o rosto impregnado de beldade.

Não obstante todos êstes simbolos condecorativos da excelsa melancolia, que se coaduna belamente com o seu espírito benévolo e piedoso, há a notar se lhe um fino trato e um coração salutar; sempre afável e carinhosa quando os seus afectuosos lábios de romã, se abrem para soltar meigas palavras, que num misticismo de candura, se veem repercutir nos ouvidos dos que a escutam.

Duas vezes apenas pisou o palco num grupo de amadores, juntamente com sua gentil irmã, onde, na «Espadelada» a sua voz maviosa e forte, ouvida com agrado e satisfação, foi coroada dos mais sublimes elogios.

Como era aprasível vê-la radiante de beleza, em garrido trage de campesina, cautando estas tam triviais quadras populares:

A cana verde no mar, A cana verde na areia; Sou lial a todo o mundo, Todo o mundo me falseia.

A cana verde no mar, Anda à roda dum vapor; Ainda está para nascer Quem será o meu amor.

Guimarães, Junho de 1916.

PARAÍSO.

一种新疆

O Pardal ass domingos

Viva amigo Peixoto, como vail... Num dia assim de chuva, forte é ida pira que vá com tam rápida fugida, semelhante a uma estrela quando cai?l

—Adeus, adeus, não posso ter demora; assuntos que se prendem com a vida que é mesmo estar aqui estar perdida se acaso não resolvo mesmo agora

Chegar lá abaixo, ao mestre sapateiro buscar botas de salto bem rasteiro e da moda que estive a imaginar

P'ra que não vá ficar atrás dos mais quando às ordens dos nossos generais tenhamos dum combate retirar!

TIRTEU.

d Pardal à solta :

Do bi-semanário local:

«No domingo está aberta a farmácia do Hospital e Martins».

O' senhor Machado: pelo amor de Deus estude-me a gramática

portuguêsa!

O' senhor Machado: pelas suas ricas alminhas roube meia hora aos seus afazeres e estude um bocadinho de português, todos os dias, ou de manha cedo ou as trindades, pela fresca.

Um bocadinho só, sim? só um migalho, todos os dias, sim? Ora vá, faça-me a vontadinha. Que diabo! não custa muito, verá. E' que se continuar assim compromete muita gente, que afinal não tem culpa.

Quer que lhe indique uma pessoa, quer? Por exemplo: o solicito correspondente desta cidade para o Primeiro de Janeiro, o cantor sacro, sr. João de Deus, que de vez em quando diz assim, com toda a educação:

«Faz anos o distinto jornalista sr. António Machado, etc., etc.»

E se o sr. Machado continua a dar facadas na gramática, com certeza que o sr. João de Deus, sempre que se queira referir a si, já tem de cortar o trivial distinto e se o senhor não se emendar êle se verá obrigado a cortar o jornalista—o que é pena e feio. E feio, é, porque a noticia ficará assim resumida:

"Faz anos o sr. António Machado."

Ora, ora! assim não convem. Quem ler a notícia há de julgar que se trata dum jornaleiro qualquer que faz anos.

Zoilo.

Tarde piaste!...

Rosa Fenecida

(Inédito)

No Julio Silva.

Uma destas manhās, lá num canteiro Que embeleza minha pobre habitação, Apareceu-me entre as rosas um botão, Lindo botão, que abria prazenteiro...

Fiz-lhe logo merecida recepção, E quiz cortá-lo. Pois era lisougeiro Engastá-lo em reluzente mão, Cheio de brilho siderio, feiticeiro . . .

Reflecti, e deixei-o; pois da vida Ele gosaria a ventura apetecida . . . Do mundo, o belo, iria conhecer!

Dois dias se passaram; e dolorida A flor, morreu na haste enternecida! —Dois dias chegam e sobram p'ra sofrer...

1 | 6 | 16.

João Jacinto.



O PARDAL NO CAMPO

Um pulo do Marigulório

Valha-me Deus, estou fulo, não posso, não mais me emendol... Faço versos a um pulo que nem o nosso Matulo! com perdão, não desfazendo.

E que birra, estou zangado para exprimir como é! Vou falar no figurado porque vi o torneado de aquele elegante pé.

Pé de fada, pé de Anjinhos que imitação tam perfeita! Pés brancos e pequentinhos onde eu punha dois beijinhos se lá fôsse a face feita.

P'ra mais triste ser o salto, êsse pulo tam inglório, não faltei, como não falto, com êste grito bem alto cautela Marigulório!...

Que susto!... Forte torção... Andou tudo num sarilho. Vou à água... Perdição lá foi boa ocasião de ver tirar o spartilho.

O pior foi o chilique, pobre dela coitadinha! Mas se o salto tem seu tic numa Senhora do chic fique de emenda Madrinha!...

VIRGILIO MARQUES.



O PARDAL CÁ POR CASA

Expediente

Prevenimos os nossos estimados auxiliares que estamos procedendo à cobrança da 1.ª série de assinatura de *O Pardal*.

Exígua como é a sua importância, uns miseros 250 réis ominosos ou uns misérrimos 25 centavos luminosos, como queiram, e ao sabor de todos, porque todos são, os que nos pagarem, muito boas pessoas, esperamos que ninguêm deixará devolver os recibos por falta de pagamento, pois que sem êsse milho o «Pardal» não poderá viver.

E, convictos como estamos de que ninguêm deixará de comparecer a êste chamamento, aqui deixamos o nosso agradecimento, esperançados em que não teremos de que nos arrepender por ir á frente.

Ora vamos a ver.

Tarde piaste!...

Anumunian programment and the contract of the

O PARDAL NO CARNET

Por deliberação tomada pela Comissão Distrital de Subsistências, em sessão extraordinária, pode, desde já, transitar livre-

mente o milho dentro de todo o distrito, sendo o seu comércio inteiramente livre e sem preços determinados. As feiras são francas, sendo rigorosamente punido quem tentar impedir o trânsito do milho, que pode começar a fazer-se sem qualquer espécie de guia e com absoluta liberdade, dentro dêsse distrito, sendo profbida a exportação de milho para fora do mesmo.

De visita a seu irmão o alferes de infantaria 20, sr. César de Morais, vimos nesta cidade o sr. Eugênio de Morais, tenente de infantaria 29.

Acompanhado de sua esposa, está hospedado no Grande Hotel do Toural o importante capitalista portuense, sr. José Marques Coelho.

No dia 15 do corrente principiam as juntas de recrutamento em Guimarães, devendo comparecer nesse dia todos os indivíduos de outros distritos que requereram para serem aqui inspeccionados.

Foi nomeado delegado para a comarca de Almeida, distrito da Guarda, o nosso conterrâneo, sr. dr. António Augusto da Silva Carneiro Júnior, filho do sr. António Augusto da Silva Carneiro.

Parabêns.

E' hoje que se realiza o passeio recreativo à vizinha cidade de Braga, promovido por um grupo de gráficos e barbeiros de Guimarães.

No átrio do Liceu está afixado um edital, designando os primeiros oito dias do mês de Junho para a entrega de requerimentos para exames.

Em Santa Luzia e no Campo da Feira realizam-se êste ano os populares feste jos ao S. João.

O PARDAL NA SECÇÃO LITERARIA

Feliz?!...

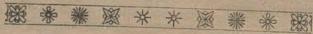
De há muito, ouço dizer:—" Feliz de quem amando Sabe e sente também que é muito e muito amado,— No entanto, muita vez, é justamente quando Mais se sofre e padece—indeciso agitado!...

E' que em amor, nem sempre é tudo doce e brando! Nem sempre o que se quer é logo realizado... E assim raro não é ver-se triste, penando Um coração que está de outro longe, afastado!

Quem não sofre, ou sofreu esta tortura intensa Que é a ausência de alguêm—que é tôda a nossa vida, Tôda a razão de ser de uma ventura imensa?!

Quem não sofre, vivendo em constante ansiedade Por de novo beijar essa imagem querida Que, distante, nos faz sucumbir de saudade?!

CARLOS MAGALHAES.



CASTELO

Formado de ilusões, de sonho arquitectado, Altaneiro e viril, de linda construção, Erguia-se um castelo; era semi azulado, E tinha por egide um grande coração.

Dentro dêsse castelo, em seu tecto elevado, Desenhava-se um céu, perfeita imitação, Onde eu via brilhar, de ventura inundado, O meu Sol: Teu olhar: Minha compensação.

Mas um dia êsse céu conservou-se sem luz, Apagou-se êsse Sol que o castelo aqueceu, E elevou-se na sombra, o perfil de uma cruz!

Derruiu-se o castelo; e nessa transição, Brusca, veloz, fatal, a egide estremeceu, E partiu-se por fim o grande coração! A VIRGEM DE VOLUPIA..

A um amor ingrato... A uma mulher que me esqueceu..

I

Vem cá, oh Deusa da Volupia, Esfinge, ao Sonhador humilde inebriar! A' minha bôca os teus lábios cinge, ritmando beijos, carmes de luar!

Sorri êsses sorrisos torturantes, como os raios do sol lá no poente; os teus cabelos negros soluçantes, espalha sôbre mim perdidamente!

Teus olhos lassos fita bem nos meus, —quanta libertinagem lá flutua!— Repara no arfar dos seios teus,

e reconhece, oh Virgem semi-nua, que não há formosura, em terra e céus, beleza tam divina como a tua!

II

Quizera, oh sim, quizera penetrar, teu coração fremente de desejos, teu halito de Ninfa respirar, envolvendo-te tôda, tôda em beijos!

Absorver-te do corpo a tepidez, a pureza de teus osc'los de Fada, e libar meu prazer, duma só vez, nessa joia de jaspe imaculada!

Tremer, chorar de gôzo, inocular-te o fogo doentio da Paixão, matar-te de luxúria, envenenar-te!

Viver êste Ideal de perfeição, apôs êle, sonhar, e embalar-te nos braços do amor, numa Ilusão!

D'OLIVEIRA.

EDUARDO PASSOS.